

# USO DOS ANTICONCEPCIONAIS ORAIS COMBINADOS E SEUS RISCOS E BENEFÍCIOS PARA A SAÚDE DA MULHER: UMA REVISÃO DE LITERATURA

Brenda Cândido Amâncio <sup>1</sup>  
Debora Albuquerque dos Santos <sup>2</sup>  
Ríllary Monteiro de Almeida Silva <sup>3</sup>  
Carina Scanoni Maia <sup>4</sup>

## RESUMO

É necessário compreender as ações dos anticoncepcionais orais hormonais combinados (AHCO) no organismo das mulheres, comparando os benefícios e malefícios identificados pelas usuárias. Por tanto, realizou-se uma revisão de literatura entre julho e setembro de 2021, com publicações a partir de 2015. Dos 57 artigos, 15 foram selecionados para compor a revisão. Dessa forma, constatou-se que mais da metade das mulheres, na faixa etária de 18-25 anos utiliza o AHCO e que, apesar da existência dos riscos para saúde, os efeitos positivos são mais difundidos e levados em consideração no momento de escolha do método contraceptivo. Sendo assim, a orientação e de um médico especialista na área é de grande importância, tanto para indicação do medicamento, quanto para monitorar o uso, visando evitar problemas futuros.

**Palavras-chaves:** AHCO. Riscos. Benefícios. Método contraceptivos orais.

## INTRODUÇÃO

Os anticoncepcionais hormonais são os métodos contraceptivos reversíveis mais eficientes, disponíveis e os mais utilizados no mundo. Acredita-se que nos países desenvolvidos, em torno de 18% das mulheres casadas ou unidas alguma vez, usam anticoncepcional oral sendo esta proporção de 75% nos países em desenvolvimento, o que representa milhões de mulheres em uso em todo o mundo, incluindo o Brasil. (COUTO, *et al.*, 2019).

O mecanismo de ação consiste na alteração do eixo neuroendócrino, impedindo que alcance o pico do hormônio luteinizante (LH) que é encarregado pela ovulação gerando assim

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Biomedicina da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, [brenda.amancio@ufpe.br](mailto:brenda.amancio@ufpe.br);

<sup>2</sup> Graduanda do curso de Enfermagem da Universidade Federal de Pernambuco- UFPE, [debora.albuquerqueasantos@ufpe.br](mailto:debora.albuquerqueasantos@ufpe.br);

<sup>3</sup> Graduanda do curso de Nutrição da Universidade Federal de Pernambuco- UFPE, [rillary.monteiro@ufpe.br](mailto:rillary.monteiro@ufpe.br);

<sup>4</sup> Professora Ajudante da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, [carina.scanoni@gmail.com](mailto:carina.scanoni@gmail.com);

um bloqueio gonadotrófico, sendo esse o principal efeito. Além deste, há efeitos adicionais que dificultam a concepção, como o aumento da consistência do muco cervical obstando a entrada do espermatozoide e a hipotrofia endometrial, perdendo as condições para a implantação do embrião e a diminuição dos movimentos das trompas. A junção desses mecanismos de ação determina a eficácia do método (OLIVEIRA *et al.*, 2019; FINOTTI, 2015). Além da contracepção esses fármacos possuem outros benefícios como redução no risco de cistos ovarianos, melhora dos sintomas pré-menstruais, dismenorreia e da endometriose e também diminuição do fluxo no ciclo menstrual (SOUZA, 2015).

Assim como qualquer outro medicamento, os anticoncepcionais hormonais podem causar inúmeros efeitos adversos, como: alterações imunológicas, metabólicas, nutricionais, psiquiátricas, vasculares, oculares, gastrintestinais, hepatobiliares, cutâneo-subcutâneas, renais/ urinárias, auditivas; distúrbios do Sistema Nervoso Central (SNC) e do Sistema Reprodutor. (ALMEIDA; ASSIS, 2017).

É notório o uso disseminado de anticoncepcionais sem prescrição, é muito provável o desconhecimento do uso contraindicado e efeitos adversos para a saúde. O uso desses medicamentos com a presença de algumas situações patológicas como hipertensão arterial pode elevar o risco de acidente vascular encefálico (AVE) e infarto agudo do miocárdio (IAM). Por essas razões há as contraindicações em casos de diabetes mellitus com doença vascular, tabagismo em mulheres com 35 anos ou mais, doenças cardiovasculares, tromboembolismo, enxaqueca com aura, dentre outros (CORRÊA, *et al.*, 2017).

Mediante os fatores citados anteriormente, torna-se necessária uma análise dos efeitos dos anticoncepcionais orais hormonais que podem, por sua vez, serem prejudiciais para a saúde da mulher, bem como benéficos, buscando sinterizar em um só artigo duas vertentes que, assim, irá facilitar a comparação e conclusão acerca do uso desse método contraceptivo.

## **METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)**

Foi realizada uma revisão de literatura durante o período de junho a setembro de 2021. Como critérios de inclusão, a busca foi feita priorizando os artigos científicos publicados a partir de 2015; os idiomas dos artigos avaliados foram em português e inglês. As palavras-chave utilizadas para levantamento literário, tanto em português como em inglês, foram: anticoncepcionais hormonais, anticoncepcionais orais hormonais, contracepção, saúde da mulher.

Desta forma, os artigos científicos foram pesquisados nas seguintes bases de dados: Scientific Acadêmico (<http://scholar.google.com>), Medical Publications - PubMed

(<http://www.pubmed.gov>), Science Direct ([www.sciencedirect.com](http://www.sciencedirect.com)), Latin American Literature in Health Sciences - LILACS (<http://bases.bireme.br>) e Scientific Electronic Library Online - SciELO (<http://www.scielo.org>).

## REFERENCIAL TEÓRICO

A habilidade de controlar a fertilidade utilizando efetivamente a contracepção é um componente essencial da medicina preventiva. O primeiro anticoncepcional esteroidal foi aprovado em 1960 e se tornou popular pela facilidade do seu uso e criação de uma sensação de empoderamento e liberdade no público feminino da época. Desde a sua criação, esse método de contracepção tem aumentado progressivamente a sua acessibilidade e popularidade. Após sua aprovação para consumo, a preocupação com os efeitos colaterais se tornou uma discussão frequente que exigiu formulações mais seguras. (OLIVEIRA; TREVISAN, 2021).

A comercialização dessa contracepção foi aprovada em 1960 nos Estados Unidos, logo em seguida, o que mais tarde, levou ao uso expandido em todo o mundo, como uma forma de controle e estratégia de planejamento familiar pelos serviços de saúde, volta do para as mulheres. No Brasil, a comercialização dos anticoncepcionais teve o seu início por volta de 1962, sendo dispensadas de forma gratuita por prescrição médica por volta de 1965. (SILVA, 2017).

O histórico e índices no Brasil dos tratamentos anticoncepcionais são importantes para compreender os principais motivos para a predominância da utilização do tratamento hormonal via oral e sua importância para as mulheres. Estudos apontam que a utilização de contraceptivos vem aumentando desde 2006. Atualmente, cerca de 80% das mulheres em idade fértil utilizam algum tipo de método reversível. Em contrapartida, o número de pacientes que optam pelos métodos irreversíveis diminuiu drasticamente (ALMEIDA; ASSIS, 2017).

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dos 57 artigos científicos e demais fontes sobre o tema localizados, 16 se enquadraram nos critérios de inclusão e, portanto, compuseram a revisão de literatura.

Os anticoncepcionais hormonais são os métodos contraceptivos mais usados pelas mulheres, sendo a principal forma de contracepção na Europa e na América do Norte. Essas regiões, possuem uma adesão aproximada de 17,8% e são utilizados por mais de 150 milhões de mulheres internacionalmente (ENEAS, et al., 2021; OEDINGEN, et al., 2018). A nível

nacional, a porcentagem feminina adepta a algum método anticoncepcional está em torno de 80,6%, sendo 24,7% das mulheres utilizadoras de pílulas orais hormonais (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2016). Uma grande justificativa para o seu uso difundido são os seus efeitos terapêuticos, além da prevenção de uma gestação indesejada, diminuição da síndrome pré-menstrual e para o controle de miomas uterinos, por exemplo (ROMER T, 2019).

Do total das 86 participantes do estudo, 74 (86,05%) classificaram-se como usuárias dos COC (contraceptivo oral combinado) e 12 (13,95%) como não usuárias. A maioria era jovem, predominando a faixa etária entre 18-25 anos (76,74%). A idade variou dos 18 aos 51 anos, com idade média de 23,91 anos. Predominaram o estado civil solteira (91,86%) e a cor autodeclarada branca (70,93%). No que se refere aos antecedentes contraceptivos, a maioria das usuárias dos COC aderiu ao método por indicação médica (94,59%), apenas 5,41% o utilizaram por sugestão de amigos e familiares e nenhuma delas discutiu o assunto com seus respectivos parceiros. As principais razões citadas para escolha dos COC para contracepção foram eficácia (29,73%) e acessibilidade (28,38%), seguidas pela facilidade do uso (17,57%) e outros motivos (17,57%). (PINTO, RODOVALHO-CALLEGARI, CARBOL, 2020).

Quando perguntadas sobre os benefícios conhecidos que esses M.C. podem trazer à saúde da mulher: 53 das 67 entrevistadas responderam conhecer algum benefício, dentre estas, 5 disseram que regulam o fluxo menstrual, 2 disseram proteger de alguma doença, 6 protegem de IST, 1 disse que ajuda a emagrecer e 1 que evita a gravidez; 12 disseram não conhecer e 2 não responderam se conhecem ou não algum benefício. Em relação aos riscos: 34 responderam ter conhecimento sobre algum risco, dentre estas, 3 disseram causar trombose, 2 hipertensão, 2 estresse, 1 aumento das varizes; e 15 disseram não conhecer nenhum risco, 8 não responderam a essa questão e 3 disseram não haver nenhum risco à saúde da mulher. (MELO, MACEDO, MOTA, 2015).

Das 199 acadêmicas que utilizavam como método contraceptivo a pílula anticoncepcional oral ou outro método hormonal (injetável ou adesivo), 66,8% referiram um ou mais efeitos colaterais. A manifestação de um ou mais efeitos colaterais não mostrou relação estatística com as demais variáveis. Entretanto, a comparação da frequência de acadêmicas que utilizaram ou não métodos contraceptivos hormonais, com as que citaram ou não a diminuição na libido, especificamente, foi muito significativa com  $P < 0,0001$ . A presença de diminuição da libido mostrou forte ligação com a faixa etária predominante. Essa relação foi significativa com  $P < 0,0001$ . Dentre as alunas que alegaram a presença de qualquer efeito colateral (um ou mais), 57,2% declararam não ter tomado nenhuma atitude para amenizar os sintomas. (BORGES, *et al.*, 2016).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim, nota-se que o anticoncepcional hormonal combinado oral (AHCO) é, de fato, um dos métodos contraceptivos mais utilizados pelas mulheres, visto que, além de eficaz e acessível, também é de fácil utilização. E, para além da contracepção, seu uso é bastante difundido por auxiliar tratamentos de ovário policístico, reduzir acne e outros sintomas do período menstrual. Apesar de seus inúmeros aspectos positivos ele, também, é agente de desregulação na saúde da mulher, porém, mediante as estatísticas expostas anteriormente, existe grande aceitação das usuárias do fármaco ao se tratar desses efeitos colaterais o que, a longo prazo, poderá causar enfermidades mais severas e de difícil resolução. Logo, é imprescindível que o AHCO seja indicado por um profissional especializado na área e, também, que exista um acompanhamento médico para avaliação da compatibilidade do remédio com o organismo do paciente tornando, dessa forma, mais segura a sua utilização.

**Palavras-chave:** Métodos contraceptivos. Aspectos positivos. Saúde da mulher. Efeitos colaterais. AHCO.

## REFERÊNCIAS

1. ALMEIDA AP, ASSIS MM. Efeitos Colaterais E Alterações Fisiológicas Relacionadas Ao Uso Contínuo De Anticoncepcionais Hormonais Oraais. **Rev. Eletrôn. Atualiza Saúde**, 2017; 5 (5): 85 - 93.
2. BORGES, M. C. et al. Conhecimento sobre os efeitos dos contraceptivos hormonais por acadêmicas da saúde. **Revista Baiana de Enfermagem**, v. 30, n. 4, p. 1-11, 2016.
3. CORRÊA, D.A.S et al., (2017). Fatores associados ao uso contraindicado de contraceptivos orais no Brasil. **Revista de Saúde Pública**, v.51, 2017
4. Couto, Pablo Luiz Santos et al. Uso de anticoncepcionais hormonais por prostitutas: correlação com marcadores de vulnerabilidade social. **Acta Paulista de Enfermagem [online]**. 2019, v. 32, n. 5 [Acessado 13 Setembro 2021] , pp. 507-513. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1982-0194201900071>>. Epub 10 Out 2019. ISSN 1982-0194. <https://doi.org/10.1590/1982-0194201900071>.
5. ENEA C, et al. Arterial Stiffness and Hemodynamics in Young women:The effectsOf Oral contraceptive Intake and Physical Habits. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, 2021; 18(7): 3392.
6. FINOTTI, M. Manual de Anticoncepção Federação Brasileira das Associações de Ginecologia e Obstetrícia (FEBRASGO), São Paulo: **FEBRASGO**, 2015.



7. MELO, A. S. da S.; MACEDO, J. G. C.; MOTA, A. L. dos S. Métodos contraceptivos e a saúde da mulher: percepção das mulheres sobre os riscos e benefícios. **Faculdade Frassinetti do Recife – FAFIRE XII congresso de iniciação científica**, 2015.
8. MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Instituto Sírio-libanês de Ensino e Pesquisa**. Protocolos de Atenção Básica: Saúde das Mulheres. Brasil, 2016. Disponível em: [https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/protocolos\\_atencao\\_basica\\_saude\\_mulheres.pdf](https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/protocolos_atencao_basica_saude_mulheres.pdf).
9. OEDINGEN C, et al. Systematic review and meta-analysis of the association of combined oral contraceptives on the risk of venous thromboembolism: The role of the progestogen type and estrogen dose. **Thromb Res.**, 2018; 165: 68- 78.
10. OLIVEIRA RPC, TREVISAN M. O anticoncepcional hormonal via oral e seus efeitos colaterais para as mulheres. **Revista Artigos. Com**, 2021; 28: e7507.
11. OLIVEIRA, K. A. R. D.; SATO, M. D. O.; SATO, R. M. S. Uso e conhecimento a respeito de anticoncepcionais por acadêmicas de farmácia. **Revista UNIANDRADE**, v. 20, n. 3, p. ,115- 120, 2019.
12. PINTO, L. F. de A.; RODOVALHO-CALLEGARI, F. V.; CARBOL, M. Conhecimento de universitárias sobre os riscos e benefícios associados aos contraceptivos orais combinados. **Revista de Medicina**, [S. l.], v. 99, n. 5, p. 423-431, 2020. DOI: 10.11606/issn.1679-9836.v99i5p423-431. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revistadc/article/view/168761>.
13. RÖMERT. Medical Eligibility for contraceptive in women at increased risk. **Dtsch Arztebl**, 2019; 116(45): 764-774.
14. SILVA, C. V. D. **Histórias de utilização de pílulas anticoncepcionais no brasil, na década de 1960**. Tese (Doutorado). Fundação Oswaldo Cruz (FMO) Instituto Nacional de Saúde da Mulher, da Criança e do Adolescente Fernandes Figueira, 2017. Disponível em: [https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/25248/2/cristiane\\_silva\\_iff\\_mest\\_2017.pdf](https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/25248/2/cristiane_silva_iff_mest_2017.pdf)
15. SOUZA LK. **Interação medicamentosa entre anticoncepcionais orais hormonais combinados e antibióticos**. [monografia] Brasília (DF): Faculdade de Ciências da Educação e Saúde; 2015.
16. LUZ, A. L. R. et al. Métodos contraceptivos: Principais riscos e efeitos adversos. **Revista de Casos e Consultoria**, v. 12, n. 1, p. 1-17, 2021.